



# O HOMEM QUE QUERIA SER REI

Rudyard Kipling

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM





# O HOMEM QUE QUERIA SER REI

Rudyard Kipling



**Rudyard Kipling**

**O HOMEM QUE QUERIA SER REI**

Título original:

*“The man who would to be king”*

1ª edição

**LeBooks**

Isbn: 9786558940852

LeBooks.com.br

A LeBooks Editora publica obras clássicas que estejam em domínio público. Não obstante, todos os esforços são feitos para creditar devidamente eventuais detentores de direitos morais sobre tais obras. Eventuais omissões de crédito e copyright não são intencionais e serão devidamente solucionadas, bastando que seus titulares entrem em contato conosco.

## **Prefácio**

Prezado Leitor

Rudyard Kipling foi um dos escritores mais populares da Inglaterra no início do XX, boa parte de seus livros fala sobre a Índia Britânica. Laureado com o Nobel de Literatura de 1907, tornou-se o primeiro autor de língua inglesa a receber esse prêmio sendo, até hoje, o mais jovem escritor a recebê-lo.

O Homem Que Queria Ser Rei é uma saborosa história criada por Kipling sobre dois amigos aventureiros que resolvem procurar um lugar no mundo onde poderiam reinar, ou seja: viver com fartura e sem trabalhar, é claro.

A história é uma das grandes aventuras de todos os tempos e foi vertida para as telas com mesmo título com os atores Sean Connery, Michael Caine e Christopher Plummer,

Rudyard Clipping é um autor de extraordinário poder narrativo, não foi por acaso que recebeu o prêmio Nobel de Literatura.

Uma excelente leitura

**LeBooks Editora**

## APRESENTAÇÃO

### Sobre o autor e obra



Joseph Rudyard Kipling (Bombaim, 30 de dezembro de 1865 — Londres, 18 de janeiro de 1936) foi um autor e poeta britânico, conhecido por seus livros "The Jungle Book" - O Livro da Selva - (1894), "Just So Stories" (1902), e "Puck of Pook's Hill" (1906); sua novela, "Kim" (1901); seus poemas, incluindo "Mandalay" (1890), "Gunga Din" (1890), "If" (1910) e "Ulster 1912" (1912); e seus muitos contos curtos, incluindo "The Man Who Would Be King" – O Homem que queria ser rei - (1888) e as compilações "Life's Handicap" (1891), "The Day's Work" (1898), e "Plain Tales from the Hills" (1888).

É considerado um "inovador na arte do conto curto"; os seus livros para crianças são clássicos da literatura infantil; e

o seu melhor trabalho dá mostras de um talento narrativo versátil e brilhante.

Rudyard Kipling foi um dos escritores mais populares da Inglaterra, em prosa e verso, no final do século XIX e início do XX. Foi laureado com o Nobel de Literatura de 1907, tornando-se o primeiro autor de língua inglesa a receber esse prêmio e, até hoje, o mais jovem a recebê-lo. Entre outras distinções, foi sondado em diversas ocasiões para receber a Láurea de Poeta Britânico e um título de Cavaleiro, as quais rejeitou. Ainda assim, Kipling tornou-se conhecido (nas palavras de George Orwell) como um "profeta do imperialismo britânico".

Muitos viam preconceito e militarismo em suas obras, e a controvérsia sobre esses temas em sua obra perdurou por muito tempo ainda no século XX. De acordo com o crítico Douglas Kerr: "Ele ainda é um autor que pode inspirar discordâncias apaixonadas e seu lugar na história da literatura e da cultura ainda está longe de ser definido. Mas à medida que a era dos impérios europeus retrocede, ele é reconhecido como um intérprete incomparável, ainda que controverso, de como o império era vivido. Isso, e um reconhecimento crescente de seus extraordinários talentos narrativos, faz dele uma força a ser respeitada". Seu poema "If" (Se) é símbolo dos Cadetes da Academia da Força Aérea.

## **Sobre a obra**

O Homem Que Queria Ser Rei é uma saborosa história criada por Rudyard Kipling. A obra é sobre dois amigos aventureiros que resolvem procurar um lugar no mundo onde poderiam reinar, ou seja: viver com fartura e sem trabalhar, é claro.

Um momento em que os personagens Peachey Carnehan e Daniel Dravot conversam sobre o plano é emblemático e uma excelente síntese de toda a trama. Diz Dravot: "Pensamos no assunto meio ano, fizemos questão de procurar nos livros e mapas, e decidimos que agora só existe um lugar



no mundo que dois fortes podem chamar de ótimo. É o Kafiristão. Pelos meus cálculos, fica no canto de cima à direita do Afeganistão, a uns quinhentos quilômetros de Peshawar. Lá existem trinta e dois ídolos pagãos e nós vamos ser os números trinta e três e trinta e quatro. É um país montanhoso, e as mulheres são lindas!”.

A história, que serviu de base para o filme de mesmo nome, com Sean Connery, Michael Caine e Christopher Plummer, é uma das melhores aventuras de todos os tempos. Boa parte de seus livros fala sobre a Índia Britânica. Rudyard Kipling, entre muitas outras condecorações, ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1907.

## O HOMEM QUE QUERIA SER REI

*Irmão de um Príncipe e amigo de um mendigo, se ele merecesse.*

A Lei, no seu texto, determina uma conduta de vida moderada, difícil de ser seguida. Fui amigo de um mendigo em circunstâncias que nos impediam de ver se um merecia o outro. Aconteceu também quase ser eu irmão de um Príncipe e, assim, estive próximo dos componentes da situação de um verdadeiro Rei — exército, tribunais, fisco e política, tudo incluído. Hoje, porém, receio que meu Rei esteja morto e, se quiser uma coroa, precisarei buscá-la por mim mesmo.

Tudo começou em um trem de Ajmir para Mhow. Houve um Déficit no Orçamento que me obrigou a viajar não na Segunda Classe, que tem apenas metade do conforto da Primeira Classe, mas na Intermediária, que é realmente um horror. Não há estofados na Classe Intermediária, e a população ou é intermediária, quer dizer, eurásiana ou nativa, o que é irritante para uma longa noite de viagem, ou vadia, que é divertida, mas embriagada. Os Intermediários não frequentam o vagão-restaurante.

Trazem sua comida em trouxas e panelas, compram a sobremesa nos doceiros nativos e bebem água à beira da estrada. Quando o calor aumenta, os Intermediários são retirados mortos de dentro dos vagões e, com qualquer temperatura, são tratados com o devido desprezo.

Minha Intermediária estava vazia até chegar a Nasirabad, quando entrou um cavaleiro de grandes sobancelhas negras, em mangas de camisa, que, seguindo o costume das Intermediárias, ficou vendo o tempo passar. Era um vagabundo errante como eu, mas com gosto educado para o uísque. Contou histórias de coisas que vira e fizera nos quatro cantos do Império por onde andou, e aventuras nas quais arriscara a vida por um prato de comida.

— Se a Índia só tivesse homens como você e eu, que, como os corvos, não sabem o que vão comer no dia seguinte, esta terra não pagaria 70 milhões em impostos: seriam 700 milhões — disse.

Quanto mais eu olhava para sua boca, mais me sentia inclinado a concordar com ele.

Falamos de política, a política da Vagabundagem, que vê as coisas pelo lado avesso, em que o acabamento não é homogêneo, e falamos sobre o correio, pois meu amigo queria enviar um telegrama da próxima estação para Ajmir, o ponto de desvio da linha de Bombaim para Mhow quando se vai na direção oeste. Meu amigo não tinha dinheiro, a não ser oito anás, que queria guardar para o jantar, e eu não tinha dinheiro nenhum, devido ao problema de Orçamento já mencionado. Além disso, eu ia para um deserto onde, embora precisasse manter contato com o Ministério da Fazenda, não havia um posto telegráfico. Era impossível, portanto, ajudá-lo de alguma forma.

— Poderíamos obrigar um Chefe de Estação a passar um telegrama fiado — disse meu amigo -, mas isso ia acabar em interrogatório para você e para mim, e eu ando ocupadíssimo esses dias. Você disse que vai voltar nesta mesma linha daqui a alguns dias?

— Dez dias — disse eu.

— Não pode fazer por oito? — perguntou. — Meu negócio é muito urgente.

— Posso passar seu telegrama daqui a dez dias, se lhe interessar — respondi.

— O telegrama não ia chegar a tempo, agora me lembrei. E o seguinte: ele sai de Delhi no dia 23 para Bombaim. Quer dizer que vai passar por Ajmir mais ou menos na noite do dia 23.

— Mas vou para o Deserto da Índia — expliquei.

— Bem e bom — disse ele. — Você vai fazer baldeação no Entroncamento de Marwar para chegar no território de Jodhpur e ele vai chegar no Entroncamento de Marwar na madrugada do dia 24, pelo Correio de Bombaim. Você pode

estar no Entroncamento de Marwar nesse momento? Não queria incomodar, porque sei como é precioso o pouco lucro que se consegue nesses Estados da Índia Central... mesmo se você fingir que é correspondente do Sertanejo.

— Já tentou isso alguma vez? — perguntei.

— Mais de mil vezes, mas os Residentes descobrem e então você é escoltado até a fronteira antes de ter tempo de enfiar uma faca neles. Mas voltando ao meu amigo. Tenho que dar notícias dizendo o que me aconteceu, senão ele não vai saber para onde ir. Acharia mais que gentil da sua parte se você pudesse sair da Índia Central a tempo de se encontrar com ele no Entroncamento de Marwar, e dizer: “Ele foi para o sul por uma semana”. Ele sabe o que quer dizer. É um homem grande com barba ruiva, e muito alinhado. Estará dormindo como um cavaleiro, com toda a bagagem em volta, numa cabina da segunda classe. Mas não precisa ficar com medo. Você abre a janela e diz: “Ele foi para o sul por uma semana”, e ele entenderá. Só vai encurtar sua temporada por aqueles lados uns dois dias. Estou pedindo como um estranho que vai para o oeste -falou com afetação.

— De onde você vem? — eu disse.

— Do Leste — disse ele — e espero que você dê o recado direitinho, pelo amor da minha mãe e da sua também.

Os ingleses em geral não são sensíveis aos apelos à memória de suas mães, mas, por determinadas razões, que ficarão bem claras, achei conveniente concordar.

— É mais que um probleminha — continuou — e é por isso que estou pedindo; e agora sei que posso confiar em você. Um vagão da segunda classe no Entroncamento de Marwar, e um ruivo dormindo. Jure que vai se lembrar. Salto na próxima estação, e tenho que ficar lá até ele chegar ou me mandar o que desejo.

— Darei o recado se o encontrar — afirmiei — e, pelo amor de sua mãe e da minha também, vou lhe dar um conselho. Não tente correr para os Estados da Índia Central agora mesmo como correspondente do Sertanejo. Há um correspondente verdadeiro circulando por lá, e pode dar

confusão.

— Obrigado — disse ele simplesmente — e quando esse cachorro vai embora? Não posso morrer de fome só porque ele está arruinando o meu trabalho. Queria me encontrar por aqui com o Rajá de Degumber para falar sobre a viúva do pai dele, e pular em cima dele.

— Mas o que ele fez com a viúva do pai?

— Encheu-a de pancada, pendurou-a numa viga, e lhe bateu até matar. Eu mesmo descobri isso, e sou o único homem que tem a audácia de ir ao Estado fazer chantagem por causa disso. Vão querer me envenenar, como fizeram em Chortumna quando fui lá saquear. Mas vai dar o meu recado ao homem do Entroncamento de Marwar?

Ele saltou em uma pequena estação à beira da estrada e fiquei pensando. Mais de uma vez tinha ouvido falar de homens que se faziam passar por correspondentes de jornais e sangravam pequenos Estados Nativos com ameaças de escândalo, mas nunca encontrara antes

alguém dessa casta. Levam uma vida dura e geralmente têm morte súbita. Os Estados Nativos têm um saudável horror aos jornais ingleses que possam lançar alguma luz sobre seus métodos peculiares de governo, e fazem o possível para afogar os correspondentes em champanha, ou para mudar sua opinião com carruagens puxadas por quatro cavalos. Não compreendem que ninguém liga a mínima para a administração interna dos Estados Nativos, desde que a opressão e o crime sejam mantidos dentro de limites aceitáveis, e que o governador não esteja drogado, bêbado ou doente do primeiro ao último dia do ano. São os recantos sombrios da terra, repletos de crueldade inimaginável, limitados pela Ferrovia e o Telégrafo de um lado e, do outro, pela influência de Harun-al-Raschid. Quando saltei do trem, fechei negócio com diversos Reis e, em oito dias, passei por muitos estilos de vida. Às vezes vestia casaca e acompanhava Príncipes e Políticos, bebendo em copos de cristal e comendo em baixelas de prata. Outras vezes sentava-me no chão e devorava o que conseguia em um prato

feito de folhas, bebia água de bica e dormia sob a mesma árvore que meu criado. Tudo dependia do trabalho do dia.

Parti então para o Grande Deserto da Índia, na data marcada, como tinha prometido, e o correio noturno me deixou no Entroncamento de Marwar, onde uma ferrovia curiosa, pequena, tranquila, administrada pelos nativos, vai dar em Jodhpur. O Correio de Bombaim, vindo de Delhi, faz uma parada ligeira em Marwar. Chegou junto comigo e só tive tempo de correr para a outra plataforma e seguir a composição. Havia apenas um vagão de segunda classe no trem. Abri a janela e avistei uma flamejante barba ruiva. Aquele era o meu homem, quase adormecido, e toquei-o delicadamente nas costas. Acordou com um resmungo, e vi seu rosto à luz dos lampiões. Era um rosto imponente e brilhante.

— Passagens outra vez? — perguntou.

— Não — falei. — Vim lhe dizer que ele foi para o sul por uma semana.

— Foi para o sul por uma semana!?

O trem começara a se movimentar. O ruivo esfregou os olhos.

— Foi para o sul por uma semana — repetiu. — Agora é só seguir o plano.

— Ele disse que ia lhe dar alguma coisa? Porque não vou.

— Não disse nada — falei, e fui embora; continuei observando as luzes vermelhas desaparecerem no escuro.

Fazia um frio terrível, pois o vento levantava rajadas de areia. Voltei ao meu trem (não era um vagão Intermediário, desta vez) e fui dormir.

Se o homem de barba ruiva tivesse me dado uma rupia, eu a teria guardado como recordação de um caso bem curioso. Mas a consciência do dever cumprido era minha única recompensa.

Refleti mais tarde que dois cavalheiros como os meus amigos não conseguiriam nada caso se encontrassem e se fizessem passar por correspondentes de jornal, e ainda



poderiam, se chantageassem um dos pequenos estados ratoeiras da Índia Central, ou Rajputana do Sul, meter-se em sérias complicações. Por isso, tive o trabalho de descrevê-los o mais detalhadamente possível a pessoas que estariam interessadas em deportá-los; e fui bem-sucedido, como me informaram mais tarde, em fazê-los voltar das fronteiras de Degumber.

Tornei-me então respeitável e voltei a um escritório onde não havia reis nem incidentes, afora a feitura diária de um jornal. Uma redação de jornal parece atrair todo tipo de pessoas, em prejuízo da disciplina. Senhoras da missão de Zenana chegam pedindo ao editor que abandone por um instante todas as suas ocupações para descrever uma quermesse cristã atrás de um cortiço em uma aldeia totalmente inacessível. Coronéis que foram preteridos nas promoções sentam-se e fazem o resumo de uma série de dez, doze ou 24 artigos de fundo sobre Antiguidade versus Merecimento. Missionários desejam saber por que não tiveram permissão para responder às investidas de um membro da missão patrocinado por outro grupo editorial.

Companhias teatrais em dificuldades se reúnem para explicar que não podem pagar seus anúncios, mas que, ao voltarem da Nova Zelândia ou do Taiti, pagarão com juros. Inventores de mecanismos patenteados para mover ventiladores, engates de vagões, espadas inquebráveis e eixos de roda telefonam com as especificações no bolso e muito tempo livre. Organizadores de chás entram e desenham seus prospectos com as canetas do escritório. Secretárias de comissões de bailes reclamam as glórias de sua última festa descritas com maiores detalhes.

Estranhas senhoras entram sussurrando: “Quero imprimir cem cartões de visita imediatamente, por favor”, o que por certo faz parte das atribuições de um Editor. E todo desordeiro que já vadiou pela Grande Estrada Principal acha um ótimo negócio pedir emprego de revisor. E, enquanto isso, o telefone toca feito louco, no Continente matam-se Reis, Impérios dão declarações, Mister Gladstone pragueja contra as Colônias

britânicas, os mensageiros pretinhos choramingam “Kaa-pi chaya-yeh” (“quero uma cópia”), como abelhas cansadas, e a maior parte do papel continua tão branca como o escudo de Modred.

Mas esta é a época agradável do ano. Há outros seis meses em que ninguém aparece, o termômetro vai subindo até o fim da coluna de mercúrio, o escritório fica na penumbra, com luz suficiente apenas para ler, não se pode encostar nas rotativas de tão quentes, e ninguém escreve coisa alguma, a não ser a notícia dos programas na Colina ou os avisos fúnebres. O telefone passa a ser então o terror sonoro, pois lhe informa a morte inesperada de homens e mulheres que você conheceu intimamente; as brotoejas o cobrem como uma peça de roupa, e você se senta e escreve: “O Distrito de Khuda Jant Khan registrou um ligeiro avanço da epidemia. Trata-se de um fato apenas temporário e, graças aos enérgicos esforços das autoridades do Distrito, já está praticamente sob controle. Porém, é com profundo pesar que registramos a morte, etc.”.

A epidemia realmente se alastra e, quanto menos registros e noticiários, melhor para a paz dos assinantes. Mas os Impérios e os reis continuam a se divertir com o mesmo egoísmo de antes, o Chefe acha que um jornal diário precisa mesmo sair uma vez em cada 24 horas, e todos na Colina, em meio a suas distrações, dizem: “Santo Deus! Este jornal não poderia ser mais interessante? Tenho certeza de que aqui acontece uma porção de coisas”.

Este é o lado escuro da Lua e, como dizem os anúncios, “precisa ser experimentado para ser apreciado”.

Foi naquele verão, um verão particularmente terrível, que o jornal começou a rodar o último número da semana no sábado à noite, o que equivale dizer no domingo de manhã, segundo o costume dos jornais de Londres. Isto era muito conveniente, pois, logo que o jornal era colocado na prensa, a madrugada baixava o termômetro de 36° para 29° durante meia hora, e nesta friagem -você só faz ideia de como 29° é frio quando começa a rezar para que a temperatura chegue

nisso — um homem muito cansado poderia dormir um pouco até que o calor o despertasse.

Uma certa noite de sábado, com prazer eu colocava o jornal na prensa. Um Rei, uma cortesã, ou uma Comunidade ia morrer, assinar uma nova Constituição, ou fazer algo importante do outro lado do mundo, e o jornal precisava permanecer em aberto até o último minuto para receber o telegrama.

Era uma noite escura como breu, tão sufocante quanto uma noite de junho pode ser, e o Lu, o vento fresco do Oeste, soprava nas árvores como em pavios secos, trazendo a chuva atrás de si. De vez em quando, um pingo de água quase fervendo caía na poeira com um baque, mas nosso mundo cansado sabia que era puro fingimento. Estava mais fresco na oficina que na redação, e por isto lá me sentei, enquanto os tipos batiam e estalavam, os curiangos piavam nas janelas, e os linotipistas quase nus limpavam o suor da testa e pediam água.

O que esperávamos, fosse o que fosse, não aconteceria, apesar de o Lu ter chegado, de o último tipo ter sido ajustado, e todo o globo terrestre ter ficado em silêncio no calor chocante, com o dedo nos lábios, à espera do desfecho. Cochilava e pensava comigo mesmo se o telégrafo seria uma vantagem e se o homem que morria ou o povo que lutava estariam a par do inconveniente atraso que provocavam. Não havia uma razão especial, além do calor e da contrariedade, que provocasse tensão, mas, como os ponteiros do relógio se arrastassem até as três horas, como as máquinas girassem suas rodas duas ou três vezes para ver se tudo estava em ordem antes de eu dizer a palavra que as fizesse trabalhar, eu poderia ter tido um acesso de riso nervoso.

Foi então que a algazarra das engrenagens rompeu aos poucos o silêncio. Levantei-me para sair, mas dois homens vestidos de branco pararam à minha frente. O primeiro disse:

— É ele!

O segundo concordou:

— E isso mesmo!

E os dois riram quase tão alto quanto o barulho das máquinas, e enxugaram a testa.

— Vimos uma luz acesa do outro lado da rua, e estávamos deitados ali naquela vala para refrescar, quando eu disse para o meu amigo aqui: “O escritório está aberto. Vamos passar lá e falar com o sujeito que nos mandou de volta do Estado de Degumber” — falou o menor dos dois.

Era o homem que eu havia encontrado no trem de Mhow, e seu companheiro era o ruivo do Entroncamento de Marwar. Não havia possibilidade de engano quanto às sobrancelhas de um ou à barba do outro.

Não gostei daquilo, porque pretendia ir dormir, e não discutir com vagabundos.

— O que querem? — perguntei.

— Meia hora de conversa com você, no fresco e no conforto, no escritório — disse o homem da barba ruiva.

— Gostaríamos de beber alguma coisa (o Contrato ainda não começou, Peachey, você não precisa me olhar assim), mas o que queremos mesmo é um conselho. Não queremos dinheiro. Viemos lhe pedir esse favor porque descobrimos que você perturbou a nossa vida lá no Estado de Degumber.

Conduzi-os da oficina para a sufocante redação com mapas na parede, e o ruivo esfregou as mãos.

— É mais ou menos isso — disse ele. — Viemos dar no lugar certo. Agora, meu senhor, vou lhe apresentar o Irmão Peachey Carnehan, que é ele, e o Irmão Daniel Dravot, que sou eu, e quanto menos a gente falar das nossas profissões, tanto melhor, pois já fizemos de tudo um pouco. Soldado, marinheiro, tipógrafo, fotógrafo, revisor, pregador e correspondente do Sertanejo, quando achamos

que o jornal estava precisando. O Carnehan está sóbrio, e eu também. Olhe primeiro para nós, para ter certeza. E depois não corte a minha conversa. Cada um de nós vai pegar um charuto seu e acender.

Observei o teste. Os homens estavam absolutamente sóbrios e, assim, dei a cada um deles um uísque morno com soda.

— Bem e bom — disse o Carnehan das sobrelanceiras, limpando a espuma do bigode. — Deixe-me falar agora, Dan. Estivemos em toda a Índia, quase sempre a pé. Já fomos montadores de caldeira, maquinistas de trem, pequenos empreiteiros, uma porção de coisas, e decidimos que a Índia é pequena demais para gente como nós.

Com certeza a redação era pequena demais para eles. A barba de Dravot parecia encher metade da sala e os ombros de Carnehan a outra metade, quando se sentaram na grande mesa. Carnehan continuou:

— O país não foi explorado nem pela metade porque quem governa não deixa você tocar nele. Passam o tempo todo governando, e você não pode levantar uma pá, nem lascar uma rocha, nem procurar petróleo, nem nada disso, sem o Governo todo dizendo: “Deixe o país sossegado, deixe que nós governamos”. Por isso, já que é assim, vamos deixá-lo em paz, e vamos embora para outro lugar onde um homem não fica imprensado e pode cuidar da sua vida. Não somos gentinha e não temos medo de nada, a não ser da Bebida, e assinamos um Contrato sobre esse assunto. Por isso, vamos embora para ser Reis.

— Reis por direito próprio — resmungou Dravot.

— Sim, claro — eu disse. — Vocês têm andado debaixo do sol, está uma noite muito quente, e não pensaram direito no assunto. Voltem amanhã.

— Nem bêbados, nem com insolação — disse Dravot. — Pensamos no assunto meio ano, fizemos questão de procurar nos Livros e Atlas, e decidimos que agora só existe um lugar no mundo que dois fortes podem chamar de ótimo. É o Kafiristão. Pelos meus cálculos, fica no canto de cima à direita do Afeganistão, a uns 500 quilômetros de Peshawar. Lá existem 32 ídolos pagãos e nós vamos ser os números 33 e 34. É um país montanhoso, e as mulheres de lá são lindas!

— Mas isso está proibido no Contrato — disse Carnehan. — Nem Mulheres nem Bebida, Daniel.

— É isso que sabemos, além de que nenhum de nós nunca foi lá, e que eles lutam; e em qualquer lugar onde há

luta, um homem que sabe treinar os outros pode ser Rei. Vamos a esses lugares e dizemos a algum Rei que aparecer: “Quer derrotar seus inimigos?”, e lhe mostramos como treinar seus homens, pois isso sabemos melhor que qualquer um. Então derrubamos este Rei, pegamos o seu Trono e começamos uma Dinastia.

— Você vai ser picado em pedacinhos antes de passar 80 quilômetros da Fronteira — disse eu. — Você tem que viajar pelo Afeganistão para chegar a esse país. É um maciço de montanhas, picos e geleiras, e nenhum inglês passou por ali. O povo é todo selvagem, e mesmo que vocês chegassem até lá não poderiam fazer nada.

— Está melhorando — disse Carnehan. — Se você nos achasse um pouco mais loucos íamos gostar muito. Viemos até aqui para saber sobre esse país, ler um livro sobre ele, e para você nos mostrar uns mapas. Queremos que diga que somos uns idiotas e que nos mostre os seus livros.

Ele se voltou para a estante.

— Está falando sério? — perguntei.

— Um pouco — disse Dravot delicadamente. — O maior mapa que você arranjar, mesmo que esteja tudo em branco no lugar do Kafiristão, e todos os livros que conseguir. Não temos muita instrução, mas sabemos ler.

Desengavetei o grande mapa da Índia na escala de 1:200 e dois mapas menores de Fronteira, desci o volume da Enciclopédia Britânica e os homens consultaram o material.

— Veja aqui! — disse Dravot, com o dedo no mapa. — Acima de Jagdallak, Peachey e eu conhecemos a estrada. Estivemos lá com o exército de Robert. Temos que virar à direita em Jagdallak pelo território de Laghman. Depois chegamos nos morros... 4 mil metros, 4.500... vai ser um lugar frio para se trabalhar, mas não parece muito longe no mapa.

Passei-lhe Nascentes do Oxus, de Wood. Carnehan estava concentrado na enciclopédia.

— São muito misturados — disse Dravot pensativo — e não ajuda nada saber o nome das tribos. Quanto mais tribos, mais eles vão lutar, e melhor para nós. De Jagdallak até

Ashang... Aaaah!

— Mas toda informação sobre o país é resumida e imprecisa ao máximo — protestei. — Ninguém sabe nada de concreto sobre ele. Aqui está o arquivo do Instituto de Serviços Unificados. Leia o que diz Bellew.

— Suma com Bellew! — disse Carnehan. — Dan, eles são um bando de pagãos fedorentos, mas este livro aqui diz que são aparentados conosco, ingleses.

Eu fumava enquanto os homens liam cuidadosamente Raverty, Wood, os mapas e a enciclopédia.

— Não adianta você esperar — disse Dravot educadamente. — Já devem ser umas quatro horas. Vamos antes das seis; se quiser pode ir dormir, e não vamos roubar nenhum papel. Não fique velando.

— Somos dois loucos inofensivos, e se você for amanhã de noite ao Caravançar, nós nos despediremos.

— Vocês são dois idiotas — respondi. — Vão ser devolvidos da Fronteira ou picados no minuto em que puserem os pés no Afeganistão. Querem algum dinheiro ou uma carta de recomendação? Posso ajudá-los a arranjar um emprego na semana que vem.

— Semana que vem vamos dar duro, obrigado — disse Dravot. — Ser Rei não é tão fácil quanto parece. Quando nosso Reino estiver funcionando, lhe avisamos e você pode aparecer para nos ajudar a governar.

— Dois doidos seriam capazes de fazer um Contrato como este? — disse Carnehan, com visível orgulho, mostrando-me um pedaço de papel enxovalhado, no qual estava escrito o que se segue. Copiei uma coisa e outra, de curiosidade:

*Este Contrato entre mim e você dá  
testemunho em nome de Deus. Amém e  
assim por diante:*

*(Um) Que eu e você vamos entrar neste negócio juntos, isto é, vamos ser Reis do Kafiristão.*

*(Dois) Que você e eu, enquanto este negócio estiver sendo resolvido, não vamos olhar para nenhuma Bebida, nem para nenhuma Mulher preta, branca ou mestiça, pois se meter com uma e outra é prejudicial.*

*(Três) Que vamos nos conduzir com Dignidade e Discrição, e se um de nós se meter em confusão o outro responde por ele.*

*Assinado neste dia por você e eu.*

*Peachey Taliaferro Carnehan.*

*Daniel Dravot.*

*Dois cavalheiros decentes.*

— Não tem necessidade do último artigo — disse Carnehan corando com modéstia, mas dá uma impressão de regularidade. Agora sabe que tipo de homem são os vadios: somos vadios, Dan, até sairmos da Índia, e você acha que íamos assinar um Contrato desses se não estivéssemos falando sério? Deixamos de lado as duas coisas que valem a pena na vida.

— Vocês não vão ter muita vida pela frente para aproveitar se insistirem nesta aventura idiota. Não toquem fogo no escritório — eu disse — e vão embora antes das nove horas.

Deixei-os ainda estudando os mapas e tomando notas no verso do “Contrato”.

— Não deixe de aparecer no Caravançará amanhã — foram suas palavras de despedida.

O Caravançará Kumharsen é o grande caldeirão da humanidade, onde as caravanas de camelos e cavalos vindas do Norte são carregadas e descarregadas. Todas as



nacionalidades da Ásia Central e a maioria das tribos da própria Índia podem ser aí encontradas. Balkh e Bokhara lá encontram Bengala e Bombaim, e tentam entrar em acordo. Podem-se comprar pôneis, turquesas, gatos persas, alforjes, carneiros de engorda e almíscar no Caravançará Kumharsen, além de coisas estranhas que não servem para nada. À tarde, desci para ver se meus amigos haviam mantido sua palavra ou se estavam lá jogados, bêbados.

Um padre vestido de fragmentos de tiras e farrapos andou a passos largos na minha direção, girando com seriedade um cata-vento de papel. Atrás dele vinha seu criado, curvado sob o peso de um caixote de brinquedos imundos. Os dois carregavam dois camelos, e os habitantes do Caravançará observavam-nos com acessos de riso.

— O padre está louco — disse-me um guardador de cavalos. — Ele vai a Cabul vender brinquedos ao Emir. Ou bem ele é canonizado, ou bem lhe cortam a cabeça. Chegou aqui hoje de manhã e está se comportando como louco desde então.

— Os pobres de espírito entrarão no Reino dos Céus — gaguejou um uzbegin bochechudo em hindi claudicante. — Eles predizem acontecimentos futuros.

— Podiam ter previsto que a minha caravana seria detida pelos shinwaris quase na sombra do Desfiladeiro! — resmungou o agente Yusufzai de uma casa comercial rajaputra, cujos bens foram desviados para as mãos de outros ladrões na hora de cruzar a Fronteira, e cujo prejuízo se resumia no que havia de mais irrisório no bazar. — Ei, padre, de onde vem e para onde vai?

— De Roum eu vim — gritou o padre, agitando o cata-vento — de Roum, soprado por cem demônios, cruzei os mares! Os ladrões, assaltantes, mentirosos, a bênção do Cã Pir sobre os porcos, cães e perjuros! Quem levará para o Norte o Protegido de Deus para vender bugigangas às quais o Emir nunca fica indiferente? Os camelos não hão de se esfolar, os filhos não hão de adoecer, e as viúvas permanecerão fiéis quando eles se forem, para os homens

que me derem um lugar em sua caravana. Quem me assistirá calçar o Rei dos Roos com um chinelo de ouro com salto de prata? A proteção do Cã Pir reine sobre vossas tarefas!

Abriu as beiradas de sua capa e rodopiou entre as filas de cavalos amarrados.

— Começa ali uma caravana que vai de Peshawur a Cabul em vinte dias, Huzrut — disse o comerciante Yusufzai. — Meus camelos vão com ela. Ide também e trazei-nos boa sorte.

— Irei agora mesmo! — gritou o padre. — Partirei em meus camelos

alados e estarei em Peshawur em um dia! Ho! Hazar Mir Khan -bradou para seu criado leve os camelos, mas deixe-me primeiro montar o meu.

Saltou para o lombo de seu animal quando este se ajoelhou e, virando-se para mim, gritou:

- Vinde também, Sahib, dar um passeio na estrada, e vender-vos-ei um amuleto que fará de vós o Rei do Kafiristão.

Acendeu-se em mim uma luz, e segui os dois camelos para fora do Caravançará, até chegarmos à estrada aberta, onde o padre se deteve.

— O que você está pensando? — disse ele em linguagem corrente. -O Carnehan não aguentou muito tempo aquela conversa fiada, então o fiz meu empregado. Não foi à toa que rodei quinze dias pelo país. Dá para entender o que estou dizendo? Vamos de carona numa caravana de Pashawur até Jagdallak, aí tentaremos trocar nossos camelos por umas mulas, e vamos direto para Kafiristão. Cata-ventos para o Emir, veja só! Ponha a mão no fundo dos caixotes e me diga o que encontrou.

Toquei o cano de um Martini, de outro e mais outro.

— Vinte — disse Dravot calmamente. — Vinte e mais munição correspondente debaixo dos cata-ventos e das bonecas sujas.

— Deus ajuda quem anda com essas coisas! — eu disse. — Um Martini vale seu peso em ouro entre os afegãos.

— Mil e quinhentas rupias de capital, tudo que

conseguimos ganhar, pedir emprestado ou roubar está investido nestes dois camelos — disse Dravot. — Não vão nos pegar. Vamos pelo Khyber com uma caravana de linha. Quem vai atacar um padre pobre e maluco?

— Conseguiram tudo o que queriam? — perguntei, recobrando-me do espanto.

- Ainda não, mas vamos conseguir logo. Conceda-nos um instante de tua atenção, irmão. Tu me fizeste um favor ontem e aquele dia em Marwar. Metade do meu Reino te pertencerá, assim o digo.

Puxei uma bússola minúscula da corrente do meu relógio e passei-a ao padre.

- Até logo — disse Dravot, estendendo-me a mão cuidadosamente. — E a última vez que apertamos a mão de um inglês por muitos dias. Aperte a mão dele, Carnehan — gritou, e o segundo camelo passou por mim.

Carnehan se abaixou e me apertou a mão. Então os camelos se foram na estrada poeirenta, e fiquei meditando. Meu olho não pôde detectar uma única falha no disfarce. A cena do Caravançará provou que eles haviam se convertido totalmente à mentalidade nativa. Assim sendo, passava a existir uma possibilidade de Carnehan e Dravot conseguirem percorrer o Afeganistão sem serem detidos. Mas, além daquele ponto, encontrariam a morte — morte certa e terrível.

Dez dias mais tarde, um correspondente nativo, ao me passar as últimas notícias de Peshawur, assim terminou sua carta: “Temos nos divertido muito por aqui com um padre maluco que, segundo diz, vai vender quinquilharias e miudezas insignificantes que considera de grande interesse para S.A. o Emir de Bokhara. Passou por Peshawur e se associou à caravana do Segundo Verão que vai para Cabul. Os mercadores gostam porque, por superstição, imaginam que esses tipos malucos atraem boa sorte”.

Os dois, portanto, tinham ultrapassado a Fronteira. Teria rezado por eles, mas, naquela noite, um Rei de verdade morreu na Europa e foi necessário um aviso fúnebre.

O mundo dá voltas, passando várias vezes pelo mesmo

lugar. Foi-se o verão e, depois dele, o inverno também veio e se foi. O jornal diário continuou, e durante o terceiro verão aconteceu uma noite quente, um número rodado à noite, e alguém obrigado a esperar por um telegrama do outro lado do mundo, exatamente como antes. Poucos homens importantes morreram nos últimos dois anos, as máquinas ficaram mais barulhentas, e as árvores do jardim da redação cresceram alguns centímetros. Esta era a única diferença.

Dirigi-me para a oficina, e deparei com uma cena igual à que já descrevi. A tensão nervosa era maior que há dois anos, e eu sentia o calor com mais intensidade. Às três horas, gritei: “Imprimam!” e me voltei para sair, quando se arrastou na direção da minha cadeira o que restara de um homem. Ele se curvava em círculo, com a cabeça mergulhada entre os ombros, e movia os pés, um após outro, como um urso. Dificilmente pude distinguir se andava ou se se arrastava, aquele aleijado esfarrapado e lamuriento que me chamava pelo nome, gritando que tinha voltado.

— Pode me dar um trago? — choramingou. — Pelo amor de Deus, me dê um trago!

Voltei à redação, seguido pelo homem que gemia de dor, e virei a lâmpada.

— Não me conhece? — suspirou, caindo em uma cadeira, e voltou o rosto de afogado, corado por cabelos grisalhos em desordem, para a luz.

Olhei-o atentamente. Já vira antes umas sobrelanceiras que se encontravam em cima do nariz como larga listra negra, mas juro que não conseguia me lembrar onde.

— Não o conheço — disse eu, estendendo-lhe o uísque. — O que posso fazer pelo senhor?

Tomou um gole da bebida e teve um calafrio, apesar do calor sufocante.

— Voltei — repetiu — e fui Rei do Kafiristão; eu e o Dravot fomos coroados Reis! Nesta sala decidimos: você sentado ali, nos dando os livros. Sou o Peachey, Peachey Taliaferro Carnehan, e você continuou sentado aí desde aquela época. Meu Deus!

Eu estava bastante espantado, e expressei meus sentimentos de maneira condizente.

— É verdade — disse Carnehan, com uma gargalhada seca, acariciando os pés embrulhados em trapos. — Verdade igual à Bíblia. Nós fomos Reis, de coroa na cabeça, eu e o Dravot, coitado do Dan, ah, coitado do Dan, que nunca seguiu um conselho, nem quando implorei!

— Tome o uísque — falei — e tenha calma. Conte-me tudo de que puder se lembrar, do começo ao fim. Vocês cruzaram a fronteira com os camelos, Dravot fantasiado de padre maluco e você de empregado. Lembra-se disto?

— Não estou louco... por enquanto, mas estou no caminho. É claro que me lembro. Continue olhando para mim, ou então não vou dizer coisa com coisa. Continue olhando dentro dos meus olhos e não diga nada.

Curvei-me e olhei seu rosto o mais imóvel que pude. Deixou cair a mão sobre a mesa e agarrei-a pelo pulso. Estava retorcida como garras de um pássaro e, nas costas, havia uma cicatriz vermelha em forma de losango.

— Não, não olhe para isso, olhe para mim — disse Carnehan. -Isso vem depois, mas pelo amor de Deus não me distraia. Saímos com a caravana, eu e o Dravot fazendo todo tipo de macaquices para distrair o pessoal que estava conosco. O Dravot costumava fazer a gente rir de noite, quando cada um preparava seu jantar e... o que eles faziam? Acendiam umas fogueirinhas com umas brasas que entravam na barba do Dravot, e todos morríamos de rir. Eram umas brasas muito vermelhas entrando na barbona vermelha do Dravot... tão engraçado.

Seus olhos deixaram os meus e ele sorriu vazio.

— Você foi até Jagdallak com aquela caravana — arrisquei — depois de acender as fogueirinhas. Até Jagdallak, onde se desviaram para tentar chegar ao Kafiristão.

— Não, nada disso. Você está falando de quê? Nos desviamos antes de Jagdallak, porque ouvimos dizer que a estrada era boa. Mas não era boa para dois camelos, o meu e o do Dravot. Quando largamos a caravana, o Dravot tirou toda

a roupa dele, e a minha também, e disse que íamos virar selvagens, porque os kafirs não deixam os muçulmanos falarem com eles. Então nos vestimos mais ou menos, de um jeito que nunca vi antes nem quero ver outra vez. Ele queimou metade da barba, jogou uma pele de carneiro nos ombros, raspou a cabeça fazendo uns desenhos. Raspou a minha também e me fez vestir umas coisas escandalosas para parecer selvagem. Era um país quase que só de montanhas, e os nossos camelos não podiam mais andar por causa das montanhas. Eles eram altos e pretos, e quando eu estava indo para lá os vi lutando feito bodes selvagens: há muito bode no Kafiristão. E aquelas montanhas, elas nunca ficam quietas, igual aos bodes. Sempre lutando, não deixam você dormir de noite.

— Tome mais um uísque — eu disse bem devagar. — O que fizeram você e Daniel Dravot quando os camelos não puderam continuar por causa das estradas acidentadas que levam ao Kafiristão?

— O que fizemos? Tinha um sujeito chamado Peachey Taliaferro Carnehan que estava com o Dravot. Você quer que eu fale dele? Ele morreu lá de frio. Foi atirado da ponte, o velho Peachey, e rodando no ar feito um cata-vento barato que você vende para o Emir. Não, era um pouco mais caro, esse cata-vento, ou estou muito enganado e doente demais... E então os camelos não serviam mais para nada, e o Peachey falou para o Dravot: “Pelo amor de Deus, vamos nos livrar disso antes que arranquem a nossa cabeça” e, com isso, mataram os camelos bem no meio das montanhas, sem nada para comer, mas primeiro tiraram as caixas com armas e munição, até que apareceram dois homens com quatro mulas. O Dravot ficou dançando na frente deles, cantando: “Me vendam quatro mulas”. O primeiro homem disse: “Se vocês têm dinheiro para comprar, têm para roubar”, mas, antes que ele pegasse uma faca, o Dravot quebrou o pescoço dele e o outro sujeito saiu correndo. Então o Carnehan carregou as mulas com os rifles que tiraram dos camelos e fomos juntos para aqueles lados das montanhas geladas, e não havia uma

estrada mais larga que a palma da sua mão.

Hesitou por um momento, e lhe perguntei se conseguia se lembrar da paisagem do país por onde andara.

— Estou contando o melhor que posso, mas a minha cabeça não está funcionando muito bem. Eles enfiaram um prego nela para eu ouvir melhor como foi a morte do Dravot. O país era cheio de montanhas, as mulas eram do contra, e os habitantes viviam separados e solitários. Subiam e subiam, desciam e desciam, e o outro sujeito, o Carnehan, implorava ao Dravot para não cantar e assobiar tão alto para não provocar uma avalanche horrível. Mas o Dravot dizia que se um Rei não podia cantar, não valia a pena ser Rei, e batia no lombo das mulas, e ficou dez dias frios de cabeça quente. Chegamos a um grande vale no meio das montanhas, e as mulas já estavam quase mortas, então, acabamos de matá-las, já não havia nada para elas ou para a gente comer. Sentamo-nos nas caixas e fizemos um joguinho com os cartuchos que caíram.

— Então dez homens de arco e flecha correram para o vale, atrás de vinte homens de arco e flecha, e a confusão foi horrível. Eram uns homens bonitos, mais bonitos que você e eu, de cabelos louros e muito benfeitos de corpo. O Dravot dizia, desencanaixotando as armas: 'Começou o nosso negócio. Vamos lutar do lado dos dez homens'. E, com isso, disparou dois rifles contra os vinte homens, e jogou um deles a 200 metros da pedra onde estava sentado. Os outros saíram correndo, mas o Carnehan e o Dravot se sentaram nas caixas, pegando eles por todo canto, subindo e descendo o vale. Então fomos até os dez homens que também tinham corrido na neve e eles atiraram em nós com um arquinho. O Dravot atirou por cima da cabeça deles e todos caíram no chão. Aí, ele os pisou e chutou, depois os levantou e apertou a mão de todos como se fossem amigos. Chamou e deu a eles as caixas para carregarem, e abanou a mão para todo mundo como se já fosse Rei. Eles levaram as caixas pelo vale e subiram uma colina com um bosque de pinheiros no alto, onde tinha meia dúzia de ídolos grandes de pedra.

— O Dravot foi até o maior, que eles chamam de Imbra, botou um rifle e um cartucho nos pés dele, esfregou seu nariz no nariz dele, passou a mão na cabeça do deus e fez uma reverência. Olhou os homens, balançou a cabeça e disse: ‘Muito bem. Já sou conhecido, e todos esses tipinhos são meus amigos’. Então, abriu a boca e apontou para dentro e, quando o primeiro homem trouxe comida, disse: ‘Não’; e quando o segundo homem trouxe comida, disse: ‘Não’. Mas quando um dos velhos sacerdotes e o dono da aldeia trouxeram comida, disse: ‘Sim’, muito orgulhoso, e comeu devagar. Foi assim que chegamos na nossa primeira aldeia, sem problema nenhum, como se tivéssemos caído do céu. Mas caímos foi de uma dessas malditas pontes de corda, entende, e... você está pensando que alguém pode achar graça nisso?

— Tome mais um uísque e continue — falei. — Essa foi a primeira aldeia a que vocês chegaram. Como conseguiu ser Rei?

— Eu não fui Rei — disse Carnehan. — O Dravot é que foi Rei, e ficou lindo com a coroa de ouro na cabeça e tudo o mais. Ele e o outro sujeito ficaram nessa aldeia, e toda manhã o Dravot se sentava ao lado do velho Imbra, o povo vinha e o adorava. Era ordem do Dravot. Aí, uma porção de homens chegou ao vale, o Carnehan e o Dravot os pegaram com os rifles antes que soubessem onde estavam, correram para o vale, subiram para o outro lado, encontraram uma aldeia igual à primeira, o povo todo caiu com a cara no chão, e o Dravot disse: ‘Então, qual é o problema entre as duas aldeias?’, e o povo apontou uma mulher, bonita feito você e eu, que tinha sido raptada, e o Dravot levou ela de volta para a primeira aldeia e contou os mortos: eram oito. Para cada morto o Dravot derramou um pouco de leite no chão e rodou os braços feito um cata-vento e disse: ‘Tudo bem’.

“Então ele e o Carnehan pegaram os donos das aldeias pelo braço, levaram-nos para o meio do vale, mostraram-lhes o jeito de riscar uma linha com uma lança bem dentro da terra, e deram a cada um deles um tufo de grama dos dois lados da



linha. O povo todo desceu e gritou feito o diabo, e o Dravot disse: 'Ide arar a terra, e ela dará frutos e os multiplicará'; foi o que fizeram, mesmo sem ter entendido. Então ele perguntou o nome das coisas no dialeto deles: pão, água, fogo, ídolos e tal, e levou o sacerdote de cada aldeia até o ídolo, disse que iam ficar sentados ali para julgar o povo e se alguma coisa desse errado ele atirava neles."

"Na semana seguinte, eles aravam a terra do vale quietos feito abelhas e muito mais bonitos; os sacerdotes ouviam todas as reclamações e diziam ao Dravot por mímica o que estava acontecendo: 'E só o começo', disse o Dravot. 'Eles pensam que somos deuses.' Ele e o Carnehan escolheram vinte homens bons e os ensinaram a atirar com rifle, rastejar e avançar em formação, e eles gostaram muito daquilo; que beleza vê-los pegando o jeito da coisa! Então ele tirou o cachimbo e a bolsa de fumo e deixou cada um numa vila, e lá fomos nós ver o que tinha que ser feito na próxima aldeia. Era tudo pura pedra e lá estava uma cidadezinha, e o Carnehan disse: 'Mande plantarem no outro vale'; tirou-os de lá e lhes deu umas terras que ainda não tinham sido tomadas. Era uma tribo pobre, e sacrificamos um cabrito antes de deixar que fossem para o novo Reino. Isso era para impressionar o pessoal, e então eles se acalmaram, e o Carnehan voltou para junto do Dravot, que fora para outra aldeia, pura neve e gelo e quase que só montanha. Não tinha gente lá e o Exército ficou com medo, por isso o Dravot atirou num deles, e continuamos até encontrar umas pessoas numa aldeia.

"O Exército explicou que, a não ser que o povo quisesse ser morto, era melhor não usarem os mosquetes; porque esses tinham mosquetes. Fizemos amizade com o sacerdote, e fiquei lá sozinho com dois do Exército, treinando os homens, e um Chefe enorme apareceu na neve com tímpanos e trompas zunindo, porque ouviu dizer que tinha um deus novo circulando por ali. O Carnehan apontou para a mancha escura dos homens no meio da neve, a meio quilômetro de distância, e disparou num deles. Então enviou uma mensagem ao Chefe dizendo que, a não ser que quisesse ser morto, devia chegar,

apertar a minha mão e deixar as armas de lado. O Chefe veio primeiro sozinho, e Carnehan apertou sua mão e rodou os braços, como o Dravot fazia, e ele ficou muito espantado e cutucou a minha sobrancelha. Então o Carnehan foi até o Chefe e lhe perguntou, por mímica, se tinha algum inimigo que detestava. ‘Tenho’, disse o Chefe. O Carnehan escolheu os melhores homens e botou os dois do Exército para treiná-los, e no fim de quinze dias os homens sabiam manobrar feito Voluntários. Então, marchou com o Chefe para um grande planalto no alto de uma montanha, os homens do Chefe correram para uma aldeia e a tomaram; éramos três Martinis atirando na mancha escura que eram os inimigos. Aí, tomamos aquela aldeia também, e dei ao Chefe um trapo do meu casaco e disse: ‘Ocupai até a minha volta’, como está nas Escrituras. Só para lembrar, quando eu e o Exército estávamos a um quilômetro de distância mais ou menos, atirei uma bala perto dos que tinham ficado na neve, e o povo todo caiu com a cara no chão. Então mandei uma carta para o Dravot, onde ele estivesse, em terra ou no mar.”

Arriscando tirá-lo do transe, interrompi:

— Como conseguiu escrever uma carta num lugar tão distante?

— A carta?... Ah!... A carta! Continue olhando dentro dos meus olhos, por favor. Era uma carta de barbante, que aprendemos a fazer com um mendigo cego no Punjab.

— Lembro-me que chegou certa vez à redação um cego com um galhinho cheio de nós e um barbante que enrolava no galho segundo um código próprio. Era possível, após um lapso de dias ou semanas, repetir a frase que estivesse enrolada. Reduzira o alfabeto a onze sons primitivos e tentou me ensinar seu método, mas não cheguei a compreendê-lo.

— Mande aquela carta para o Dravot — falou Carnehan — e lhe disse para voltar porque o Reino estava ficando grande demais para uma só pessoa o dirigir, e então toquei para a primeira aldeia e fui ver o trabalho dos sacerdotes. A aldeia que tomamos com o Chefe era chamada de Bashkai, e a primeira aldeia, de Er-Heb. Os sacerdotes de Er-Heb

estavam trabalhando direito, mas havia alguns casos pendentes sobre terras, e uns homens de outra aldeia andaram atirando umas flechas de noite. Saí e procurei a tal aldeia, e dei quatro tiros nela de um quilômetro, mais ou menos. Isso acabou com os cartuchos que tinha; fiquei esperando o Dravot, que estava fora fazia uns dois ou três dias, e mantive o povo quieto.

“Uma manhã ouvi um diabo de barulho de tímpanos e trompas, e o Dan Dravot marchou descendo a colina com seu Exército e uma fileira de uns cem homens e, o que era mais lindo, tinha uma coroa de ouro bem grande na cabeça. ‘Meu Deus, Carnehan’, disse o Daniel, ‘é um negócio tremendo, e a gente conseguiu do país tudo o que poderia conseguir. Sou o filho de Alexandre e da Rainha Seiníramis, e você é meu irmão mais moço e um deus também! É a melhor coisa que já vimos. Andei marchando e lutando mês e meio com o Exército, e toda aldeiola de nada num raio de 80 quilômetros se juntou a nós feliz da vida; e, mais do que isso, consegui a chave do sucesso, como pode ver: consegui uma coroa para você! Mandeí que fizessem duas num lugar chamado Shu, onde o ouro aparece na rocha feito sebo no lombo de carneiro. Ouro eu vi, e turquesa chutei na rocha, e tinha granadas na areia do rio, e aqui está um pedaço de âmbar que um homem me trouxe. Chame todos os sacerdotes e, aqui, receba a sua coroa.’

“Um dos homens abriu uma bolsa de pele preta, e rapidamente enfiei a coroa na cabeça. Era pequena e pesada demais, mas usei porque era a glória. Ouro forjado que era, pesando dois quilos, feito um arco de barril.

“‘Peachey’, disse o Dravot, ‘não vamos mais lutar. Agora é usar a cabeça; por isso, me ajude’, e levou aquele Chefe que deixei em Bashkai. Depois o chamamos de Billy Fish, porque parecia demais com o Billy Fish que dirigiu o tanque de Mach, no Bolan, nos bons tempos. ‘Aperte a mão dele’, disse o Dravot, e eu o fiz e quase caí, pois o Billy me fez a Saudação. Eu não disse nada, mas tentei a Saudação do Grau de Companheiro. Respondeu corretamente, e tentei a Saudação

do Grau de Mestre, mas foi um erro. 'Ele é um Companheiro, é o que ele é', falei para Dan. 'Ele sabe a Senha?' 'Sabe', disse o Dan, 'e todos os sacerdotes sabem. É um milagre! Os Chefes e os sacerdotes tomam parte nos trabalhos da Loja do Grau de Companheiro de um jeito muito parecido com o nosso, e fizeram marcas nas rochas; não conhecem o Terceiro Grau, mas vão descobrir. É Verdade Divina! Aprendi nesses anos todos que os afegãos conheciam até o Grau de Companheiro, mas isso é um milagre. Um Deus e um Grão-Mestre da Fraternidade sou, e uma Loja do Terceiro Grau vou abrir, e vamos juntar os sacerdotes e os Chefes das aldeias.'

— Isso é contra a lei, — eu disse, — abrir uma Loja sem autorização de ninguém, e você sabe que nunca tomamos parte nos trabalhos de uma Loja antes.'

"É um golpe de mestre em matéria de política", observou o Dravot. 'Quer dizer, é dirigir o país como um vagão descendo a ladeira. Não podemos parar agora para perguntar, senão se viram contra nós. Estou com quarenta Chefes sob os meus pés, e faço e desfaço deles de acordo com o merecimento. Acomode esses homens nas aldeias, e providencie para iniciarmos os trabalhos de uma Loja qualquer. O templo do Imbra fica sendo a sede da Loja. As mulheres vão fazer uns aventais do jeito que você mostrar. Receberei os Chefes hoje à noite e iniciamos os trabalhos da Loja amanhã.'

"Eu estava louco para sumir dali, mas não tão louco a ponto de não ver o empurrão que esse negócio de Fraternidade deu em nós. Mostrei às famílias dos sacerdotes como fazer os aventais de acordo com a graduação, mas no avental do Dravot o friso azul e os desenhos foram feitos de pedaços de turquesa no couro branco; não era pano. Pegamos uma pedra grande e quadrada no templo para servir de trono ao Venerável Mestre e pedrinhas menores para os tronos dos obreiros; enchemos o chão preto de pedras brancas, e fizemos o possível para fazer as coisas uniformes.

"Na reunião daquela noite na colina, com grandes fogueiras, o Dravot anunciou que ele e eu éramos deuses, filhos de Alexandre, Antigos Grão-Mestres da Fraternidade, e

tínhamos vindo fazer do Kafiristão um país onde todos os homens pudessem comer em paz, beber com tranquilidade e, principalmente, nos obedecer. Então os Chefes apertaram as mãos uns dos outros, e estavam tão peludos, brancos e bonitos como se estivessem saudando velhos amigos. Pusemos-lhes nomes de acordo com os homens que conhecemos na Índia e que se pareciam com eles: Billy Fish, Holly Dilworth, Pikky Kergan, que era dono de um Bazar quando eu estava em Mhow, e assim por diante, etc. e tal.

“O milagre mais espetacular foi na Loja na noite seguinte. Um dos velhos sacerdotes ficou nos olhando sem parar, e eu não me sentia nada bem, porque sabia que tínhamos que camuflar o ritual, que eu não sabia até que ponto o homem conhecia. O velho sacerdote era um estranho que tinha vindo de mais longe que a aldeia de Bashkai. No momento em que Dravot vestiu o avental de Mestre que as moças fizeram para ele, o sacerdote soltou um uivo e um berro, e tentou virar a pedra onde ele estava sentado. ‘Acabou a brincadeira’, eu disse. ‘É o que dá se meter com a Fraternidade sem autorização!’ O Dravot nunca piscou um olho, nem quando dez sacerdotes pegaram e viraram o trono do Venerável Mestre, quer dizer, a pedra do Imbra.

O sacerdote começou a esfregar o fundo para limpar a lama preta, e mostrou a todos os outros a Marca do Mestre, a mesma que estava no avental do Dravot, gravada na pedra. Nem mesmo os sacerdotes do templo do Imbra sabiam que o trono tinha aquela marca. O velhote se jogou no chão e beijou os pés do Dravot. ‘Sorte outra vez’, me disse o Dravot lá da Loja. ‘Eles dizem que essa é a Marca que faltava e que ninguém compreendia. Agora estamos mais do que salvos.’ Ele bateu com o fundo da arma feito um martelo de juiz e disse: ‘Em virtude da autoridade em mim investida por minha mão direita e com a ajuda do Peachey, me declaro Grão-Mestre de toda a Maçonaria do Kafiristão, conforme a Grande Loja da Inglaterra, e Rei do Kafiristão da mesma forma que o Peachey!’. Assim, colocou a sua coroa e coloquei a minha (eu fazia o papel das Luzes da Loja) e iniciamos os trabalhos com

toda a pompa. Era um milagre delicioso! Os sacerdotes se colocaram na Loja nos dois primeiros graus quase sem falar, como se tivessem recobrado a memória.

Depois, o Peachey e o Dravot promoveram os que mereciam: altos sacerdotes e Chefes de aldeias longínquas. Billy Fish foi o primeiro e lhe digo que o impressionamos. Eu não concordava de jeito nenhum em usar assim o ritual, mas ele se prestava para o que queríamos. Só promovemos os dez homens mais importantes, porque não queríamos fazer o Grau ficar comum. E eles reclamavam para serem promovidos.

“‘Daqui a seis meses’, disse o Dravot, ‘vamos enviar outra Prancha, e ver como vocês estão trabalhando.’ Então lhes perguntou sobre a aldeia de cada um, e viu que estavam lutando um contra o outro, e ficou danado. E quando não estavam fazendo isso, estavam lutando contra os maometanos. ‘Vocês vão poder lutar contra eles quando invadirem o nosso país’, disse o Dravot. ‘Escolham um homem em cada dez de suas tribos para serem guardas da Fronteira, e mandem duzentos de uma vez a este vale para serem treinados. Ninguém nunca mais vai levar tiro nem lança se agir com correção, e sei que vocês não vão me enganar, porque são brancos, filhos de Alexandre, não são comuns como os maometanos negros. Vocês são meu povo, pela graça de Deus’, disse ele, disparando em língua de gente no final. ‘Vou fazer de vocês um diabo de Nação decente, ou eu morro no meio do serviço!’

“Não posso contar o que fizemos nos outros seis meses, porque o Dravot fez uma porção de coisas que eu não conseguia entender, e aprendeu a língua deles de um jeito que nunca consegui. Meu trabalho era ajudar o povo a arar a terra e, de vez em quando, sair com alguém do Exército para ver o que as outras aldeias estavam fazendo, e ensiná-los a jogar pontes de corda por cima dos precipícios que cortavam o país de um jeito horrível. O Dravot era muito bom para mim, mas quando andava para cima e para baixo no bosque, puxando aquela maldita barba ruiva com dois dedos, eu sabia

que ele estava arquitetando uns planos e que eu não podia dar palpite; então, só aguardava as ordens.

“Mas o Dravot nunca me desrespeitou em público. Eles tinham medo de mim e do Exército, mas gostavam do Dan. Ele fez a maior amizade com os sacerdotes e os Chefes; qualquer um que aparecia vindo do outro lado das montanhas com uma reclamação, o Dravot ouvia até o fim, juntava quatro sacerdotes e dizia o que era preciso fazer. Costumava chamar o Billy Fish de Bashkai, o Pikky Kergan de Shu, e um velho Chefe, Kafuzelum (o nome dele mesmo era mais ou menos assim), e se reunia em conselho com eles sempre

que havia alguma briga nas cidadezinhas. Esse era o Conselho de Guerra, e os quatro sacerdotes de Bashkai, Shu, Khawak e Madora formavam o seu Conselho Particular. Da quantidade de gente que eles me mandaram, fui com quarenta homens e vinte rifles e sessenta homens carregando turquesas para o país de Ghorband para comprar aqueles rifles Martini feitos a mão, que saem das oficinas do Emir de Cabul para um dos regimentos do Emir de Herat, capazes de vender a alma por turquesas.

“Fiquei um mês em Ghorband e dei de suborno ao Governador de lá o melhor que tinha nas minhas cestas; subornei o Coronel do regimento com mais algum e, contando os dois e o povo da tribo, conseguimos mais de cem Martinis feitos a mão, cem zējails Kohat dos bons, que atiram a 600 metros, e quarenta homens carregados de munição muito ruim para os rifles. Voltei com o que tinha e distribuí entre os homens que os Chefes me mandaram treinar. O Dravot andava ocupado demais para se preocupar com essas coisas, mas o velho Exército, o primeiro que formamos, me ajudou e despachamos quinhentos homens que sabiam treinar, e duzentos que usavam armas com precisão. Até aquelas armas saca-rolha, feitas a mão, eram um milagre para eles. O Dravot falava de grandeza sobre lojas de munição e fábricas, andando de um lado para o outro do bosque, enquanto o inverno chegava.

“‘Eu não vou fazer uma Nação’, ele dizia. ‘Vou construir

um Império! Esses homens não são negros, são ingleses! Veja os seus olhos, veja as bocas. Veja o seu jeito de ficar em pé. Sentam-se em cadeiras dentro das próprias casas. São as Tribos Perdidas, ou qualquer coisa parecida, e nasceram para ser ingleses. Vou fazer um recenseamento na primavera, se os sacerdotes não ficarem com medo. Deve ter bem uns dois milhões deles nessas colinas. As vilas estão cheias de crianças pequenas. Dois milhões de pessoas, 250 mil homens lutando, e todos ingleses! Só precisam dos rifles e de um pouco de treino. Duzentos e cinquenta mil homens, prontos para deter a Rússia pelo flanco direito, quando ela tentar invadir a Índia! Peachey, homem', ele disse, mastigando uns tufo de barba, 'vamos ser imperadores, Imperadores da Terra! O Rajá Brooke vai parecer criança perto de nós. Vou falar com o Vice-Rei de igual para igual. Vou lhe pedir que mande doze ingleses escolhidos (doze que conheço) para nos ajudar a governar. Há o Mackray, Sargento em Segowli, por causa do jantar que me ofereceu e porque a mulher dele me deu umas calças. Também o Donkin, Diretor da Prisão de Tounghoo. Há centenas que eu poderia escolher se estivesse na Índia. O Vice-Rei vai fazer isso para mim. Na primavera mandarei alguém procurar esses homens, e vou escrever pedindo uma Dispensa da Grande Loja pelo que fiz como Grão-Mestre. Isso e todos os sipaios que vão aparecer quando as tropas nativas da Índia levantarem o Martini. Eles devem estar acabados, mas vão querer lutar naquelas colinas. Doze ingleses, 100 mil sipaios marchando para o país do Emir aos pouquinhos... 20 mil num ano já chega... e nós vamos ser um Império. Quando tudo estiver no ponto, entrego a coroa, esta coroa que estou usando agora, de joelhos para a Rainha Vitória e ela vai dizer: Levantai-vos, Sir Daniel Dravot! Ah, é o máximo! E o máximo, estou lhe dizendo! Mas tem tanto o que fazer para todo lado: Bashkai, Khawak, Shu, e em todo lugar.'

"O quê?", falei. 'Não há mais homens vindo para treinamento neste outono. Olhe essas nuvens gordas, pretas. Estão trazendo neve.' "Não é isso", disse o Daniel, pondo a mão pesada no meu ombro, 'e não estou querendo falar mal



de você, porque nenhum outro homem me seguiu nem fez de mim o que sou feito você. Você é um Comandante em Chefe do primeiro time, e o povo sabe disso; mas... é um país grande, e acho que não pode me ajudar, Peachey, do jeito que quero ser ajudado.'

“Vá para os seus sacerdotes dos infernos, então!’, falei, e depois me arrependi de ter feito essa observação, mas me feriu a fundo ver o Daniel falando com ar tão superior, quando eu é que tinha treinado os homens e feito tudo como ele mandou.

“Não vamos brigar, Peachey’, disse o Daniel sem me censurar. ‘Você também é Rei, e metade desse Reino é seu; mas não vê que agora precisamos de gente mais inteligente que nós, uns três ou quatro, para espalharmos por aí como Enviados nossos? É um Estado enorme de grande, nem sempre estou certo quando digo o que deve ser feito, não tenho tempo para tudo, e o inverno está chegando.’ Ele botou metade da barba na boca, ruiva feito o ouro da coroa.

“Desculpe, Daniel’, falei. ‘Fiz o que pude. Treinei os homens, ensinei o povo a empilhar aveia, e consegui aqueles rifles de folha de flandres lá de Ghorbandi; mas entendo o que você está querendo dizer. Compreendo que os Reis sempre se sentem oprimidos desse jeito.’

“Também tem outra coisa’, continuou o Dravot, andando de um lado para o outro. ‘O inverno está chegando e esse pessoal vai dar muito trabalho e, se der, a gente não vai poder se mexer. Quero uma esposa.’

“Pelo amor de Deus, deixe as mulheres de lado!’, eu disse. ‘Nós fizemos todo o serviço sozinhos, apesar de eu não servir pra nada. Pense no contrato, e fique sem mulheres.’

“O Contrato só valia até a hora de sermos Reis, e isto já somos nesses últimos meses’, retrucou Dravot, pesando sua coroa na mão. ‘Você vai arranjar uma esposa também, Peachey, uma garota bonita, forte, gordinha, que lhe aqueça no inverno. Elas são mais bonitas que as moças inglesas, e a gente pode escolher. Dê uma escaldada com água fervendo que ficam igual a um frango assado.’

“‘Não me tente!’ falei. ‘Não vou arranjar caso com mulheres pelo menos até estarmos mais bem arrumados que agora. Ando trabalhando por dois homens, e você por três. Vamos descansar um pouco, e ver se arranjamos um fumo melhorzinho do país afegão e pegar uma bebida boa, mas nada de mulheres.’

“‘Quem está falando de mulheres?’, disse o Dravot. ‘Eu falei esposa: uma Rainha que dê um Filho ao Rei. Uma Rainha saída da tribo mais forte, que fará de você irmão de sangue deles e que ficará do seu lado dizendo o que o povo acha de você e dos problemas lá deles. E isso que eu quero.’

“‘Você se lembra daquela mulher bengali que tive no Caravançará Mogul, quando era colocador de placas?’, perguntei. ‘Ela era ótima para mim. Me ensinou a língua do lugar e mais uma ou duas coisas; mas o que aconteceu? Fugiu com o empregado do Chefe da Estação e metade do meu salário. Aí ela se arrumou no Entroncamento de Dadur com um mestiço e teve o desplante de dizer que eu era mando dela; e a mesma coisa com os barqueiros do rio!’

“‘Isso já passou’, disse o Dravot, ‘as mulheres daqui são mais brancas que você e eu, e terei uma Rainha nos meses de inverno.’ “‘Pela última vez, estou lhe pedindo, Dan, não’, falei. ‘Vai nos trazer confusão. A Bíblia diz que os Reis não devem gastar energia com mulheres, principalmente quando têm um Reino novo em folha para construir.’

“‘Pela última vez estou lhe respondendo, eu vou’, disse o Dravot, e sumiu no meio dos pinheiros, parecendo um diabão vermelho, com o sol batendo na coroa, na barba e tudo.

“Mas arranjar uma esposa não era tão fácil como o Dan pensava. Colocou o assunto em votação no Conselho, e não teve resposta até que o Billy Fish disse que era melhor ele perguntar às moças. O Dravot xingou eles todos: ‘Que há de errado comigo?’, gritou, em pé na frente do ídolo Imbra. ‘Sou um cachorro ou não sou homem bastante para essas fulanas? Não botei a sombra da minha mão sobre este país? Quem deteve o último ataque afegão?’ Na verdade, fui eu, mas o Dravot estava bravo demais para se lembrar. ‘Quem trouxe as

armas para vocês? Quem consertou as pontes? Quem é o grão-mestre do sinal gravado na pedra?', falou, e bateu a mão no bloco que usava para sentar-se na Loja e no Conselho, já que sempre iniciava os trabalhos feito uma Loja. O Billy Fish não disse nada e os outros muito menos: 'Cabeça fria, Dan', eu disse, 'e pergunte às moças. E assim na nossa Terra, e esse pessoal é igual aos ingleses.'

“‘Casamento de Rei é assunto de Estado’, disse o Dan, vermelho de raiva, porque sentia, eu acho, que ia agir contra a sua natureza. Saiu da sala do Conselho e os outros ficaram sentados quietos, olhando para o chão.

“‘Billy Fish’, falei para o Chefe de Bashkai, ‘qual é o problema? Uma resposta direta a um amigo de verdade.’

“‘Você sabe’, respondeu ele. ‘Como um homem pode dizer isso a você, que sabe de tudo? Como as filhas dos homens podem se casar com Deuses ou Demônios? Não combina.’

“‘Um Deus pode fazer qualquer coisa’, falei. ‘Se o Rei gostar de uma garota, ele não vai deixá-la morrer.’ ‘Ela tem que morrer’, disse o Billy Fish. ‘Nessas montanhas tem todo tipo de Deuses e Demônios e, de vez em quando, uma moça casa com um e desaparece para sempre. Além do mais, vocês dois conhecem a Marca

gravada na pedra. Só os Deuses sabem disso. Achamos que eram homens até que mostraram a Marca do Mestre.’

“Na hora pensei que a gente bem que podia ter explicado que aprendemos os segredos autênticos com um Mestre Maçom na nossa primeira viagem, mas não disse nada. Naquela noite ouvi umas trompas soprando o tempo todo num templo pequeno e escuro a meio caminho da colina, e uma moça chorando tristíssima. Um dos sacerdotes nos contou que ela estava sendo preparada para se casar com o Rei.

“‘Não sou maluco a esse ponto’, disse o Dan. ‘Não quero me meter nos seus costumes, mas eu é que vou escolher a minha própria esposa.’

“‘A moça está com um pouco de medo’, disse o sacerdote. ‘Ela acha que vai morrer, e eles a estão animando

lá no templo.’

“Pois animem-na com muito carinho’, disse o Dravot, ‘ou vou animar vocês com o cano do rifle, para nunca mais quererem ser animados de novo.’ Ele lambeu os beiços, o Dan, e ficou andando mais da metade da noite, pensando na esposa que ia ter de manhã. Eu não me sentia nada bem, porque sei o que é lidar com mulher no estrangeiro; mesmo que tenham coroado você Rei vinte vezes, é sempre arriscado. De manhã me levantei bem cedo, enquanto o Dravot ainda dormia, e vi os sacerdotes conversando juntos, e eles olhavam para mim com o canto do olho.

“Que que há, Fish?’, perguntei ao homem de Bashakai, que estava enrolado nas suas peles, maravilhoso, digno de ser visto.

“Não sei dizer ao certo’, falou. ‘Mas se você conseguir fazer o Rei desistir de toda essa loucura de casamento, vai lhe fazer um grande favor, e também a mim e a você mesmo.’

“Não tenho dúvida’, concordei. ‘Mas com certeza você sabe,

Billy, tão bem quanto eu, que lutamos contra e a favor de nós, que o Rei e eu só somos os dois melhores homens que Deus Todo-Poderoso criou. Nada mais, eu lhe garanto.’

“Pode ser’, disse o Billy Fish, ‘e desde já sinto muito se forem só isso.’ Ele afundou a cabeça no grande manto de pele um minuto e pensou. ‘Rei’, ele falou, ‘seja você homem, Deus, ou Demônio, contínuo do seu lado. Tenho vinte homens comigo, e eles vão me seguir. Vamos para Bashkai até a tempestade passar.’

“Caiu um pouco de neve durante a noite e tudo estava branco, menos elas, as nuvens gordas que vinham do Norte. O Dravot saiu com a coroa na cabeça, balançando os braços e batendo os pés, com uma cara mais alegre que o Punch.

“Pela última vez, desista, Dan’, falei bem baixinho. ‘O Billy Fish disse que vai haver tumulto.’

“Um tumulto no meio do meu povo!’, disse o Dravot. ‘Nada demais. Peachey, você é bobo de não arranjar uma esposa também. Onde está a moça?’, perguntou numa voz

alta feito o zurro de um jumento. ‘Reúna todos os Chefes e sacerdotes, e vamos ver o que o Imperador acha da esposa.’

“Não foi preciso chamar ninguém. Já estavam todos lá, encostados nos rifles e nas lanças em volta da clareira no meio do bosque. Vários sacerdotes foram buscar a moça no templo e as trompas sopraram para acordar os defuntos. O Billy Fish foi chegando e ficou o mais perto que pôde do Daniel, e atrás dele ficaram os vinte homens com os mosquetes. Não havia um homem a menos de 2 metros. Eu estava perto do Dravot e atrás de mim estavam vinte homens do Exército regular. Até que chegou à moça, uma tipa grandalhona, coberta de prata e turquesas, mas branca feito um defunto, o tempo todo olhando para os sacerdotes.

“‘Serve’, disse o Dan examinando. ‘Está com medo de quê, moça? Venha cá me dar um beijo.’ Passou o braço em volta dela. A jovem arregalou os olhos, deu um guincho, e virou o rosto para o lado da barba esfogueada do Dan.

“‘Essa ordinária me pegou!’, disse ele, botando a mão no pescoço, e, fique sabendo, a mão dele estava vermelha de sangue. O Billy Fish e dois homens de mosquete agarraram o Dan pelos ombros e o arrastaram para o meio do bando de Bashkai, enquanto os sacerdotes grunhiam na língua deles: ‘Nem Deus nem Demônio, só homem!’ Fiquei meio abalado, porque um sacerdote me cortou a testa, e o Exército começou a atirar nos homens de Bashkai.

“‘Deus Todo-Poderoso!’, gritou o Dan. ‘O que quer dizer isso?’

“‘Volte! Vá embora!’, disse Billy Fish. ‘É a ruína, um motim. Vamos pra Bashkai, se pudermos.’

“Tentei dar algumas ordens aos meus homens (os homens do Exército regular), mas não adiantou nada; então, atirei sobre eles com um Martini inglês e peguei três vagabundos em fila. O vale estava cheio de gente gritando e gemendo, e todo mundo dizendo: Não é Deus nem Demônio, só homem!’ As tropas de Bashkai, agarradas no Billy Fish, eram muito valorosas, mas os seus mosquetes não valiam a

metade das armas de retrocarga lá de Cabul, e quatro caíram. O Dan bufava feito um touro, porque estava morrendo de ódio, e o Billy Fish deu um duro para não deixar ele sair correndo para cima da multidão.

“‘Não podemos aguentar’, falou o Billy Fish. ‘Vamos correr para o meio do vale. Aqui todo mundo está contra nós.’ Os homens de mosquete correram e desceram o vale apesar do Dravot. Ele xingava de um jeito horrível e gritava que era Rei. Os sacerdotes jogaram umas pedronas na gente e o Exército regular atirou para valer, e não mais que seis homens, sem contar o Dan, o Billy e eu, chegamos vivos lá embaixo no vale. “Então pararam de atirar e as trompas sopraram de novo. ‘Vão embora, pelo amor de Deus, vão embora!’, dizia o Billy Fish. ‘Eles vão mandar mensageiros para todas as vilas antes de conseguirmos chegar a Bashkai. Lá protejo vocês, mas aqui não posso fazer nada.’

“Acho que foi nessa hora que o Dan se enfezou de vez. Ele se debatia feito um porco amarrado e se soltou porque queria matar os sacerdotes só com as mãos; ia fazer isso mesmo. ‘Imperador é o que eu sou’, dizia ele, ‘e no ano que vem vou ser Cavaleiro da Rainha.’

“‘Está certo, Dan’, falei, ‘mas se apresse agora enquanto é tempo.’

“‘E culpa sua’, ele falou, ‘por não ter cuidado melhor do seu Exército. Tinha um motim no meio e você não sabia, seu cão danado, maquinista de trem, colocador de placas, carregador de missionário!’ Ele se sentou numa pedra e me chamou de todos os nomes que lhe apareceram na cabeça. Eu estava tão triste que nem fiquei com raiva, apesar de ter sido a burrice dele que armou a confusão.

“‘Desculpe, Dan’, eu disse, ‘mas não se pode contar com os nativos. Esse negócio foi a nossa perdição. Quem sabe não conseguimos alguma coisa lá em Bashkai?’

“‘Então vamos para Bashkai’, respondeu o Dan, ‘e, pelo amor de Deus, quando eu voltar aqui, vou passar uma vassoura nesse vale que não vai ficar um micróbio!’

“Andou aquele dia inteiro, e a noite toda caminhou

pesadamente na neve, mastigando a barba e resmungando.

“‘Não tem chance de sair dessa’, disse o Billy Fish. ‘Os sacerdotes já mandaram mensageiros às vilas dizendo que vocês são apenas homens. Por que não continuaram sendo deuses até as coisas ficarem mais firmes? Sou um homem morto’, disse o Billy Fish, e se atirou na neve e começou a rezar para os seus deuses.

“No dia seguinte estávamos num país para lá de ruim: sem um lugar seguro e sem comida. Os seis homens de Bashkai olharam o Billy Fish com um jeito faminto, como se quisessem perguntar alguma coisa, mas não disseram uma palavra. Ao meio-dia chegamos ao alto de uma montanha plana toda coberta de neve e, quando subimos, havia um Exército em posição nos esperando!

“‘Os mensageiros andaram depressa’, disse o Billy Fish com um risinho. ‘Estão nos esperando.’

“Três ou quatro homens começaram a atirar do lado inimigo e um tiro perdido acertou o Dan na barriga da perna. Foi o que o trouxe de volta à razão. Ele olhou o Exército por cima da neve e viu os rifles que tínhamos trazido para o país.

“‘Nós colaboramos’, falou. ‘É inglês esse povo. E foi minha maldita loucura que trouxe você até aqui. Volte, Billy Fish, e leve seus homens. Você já fez o que pôde, agora chega. Carnehan, aperte a minha mão e vá embora com o Billy. Talvez não matem vocês. Vou encontrá-los sozinho. Fui eu quem fez isso. Eu, o Rei!’

“‘Vai!’, falei. ‘Vai para o Inferno, Dan! Estou aqui com você. Billy Fish, você some, e nós dois vamos enfrentar esse povo.’

“‘Eu sou um Chefe’, disse o Billy Fish calmo. ‘Fico com vocês. Meus homens podem ir.’

Os tipos de Bashkai não esperaram uma segunda ordem e saíram correndo, e o Dan, eu e o Billy Fish fomos andando na direção do toque dos tambores e do sopro das trompas. Fazia frio, um frio horrível. Agora estou com esse frio na nuca. Tem um pedaço dele aqui.” Os empregados tinham ido dormir. Duas lâmpadas de querosene brilhavam na redação, o suor

corria pelo meu rosto e pingava no mata-borrão quando eu me inclinava. Carnehan tinha calafrios e eu temia que perdesse a memória. Enxuguei o rosto, agarrei as mãos dilaceradas e disse:

— O que aconteceu depois?

A súbita modificação de meu olhar interrompeu a sequência.

— O que o senhor estava dizendo? — gemeu Carnehan.

— Eles foram pegos sem um barulhinho. Nem um sussurro na neve, nem mesmo quando o Rei derrubou o primeiro homem que pôs as mãos nele, ou quando o velho Peachey atirou o último cartucho para cima deles. Nem um único barulhinho aqueles porcos fizeram. Eles se colocaram bem perto um do outro, e, estou lhe dizendo, as capas fediam. Havia um homem chamado Billy Fish, bom amigo de nós todos, e cortaram a garganta dele, meu senhor, de um lado ao outro, feito um porco; e o Rei chutou a neve ensanguentada e disse: “Enterramos bem nosso dinheiro. O que falta agora?” Mas o Peachey, Peachey Taliaferro, estou lhe dizendo, confiando no senhor feito amigo, perdeu a cabeça. Não, não perdeu. O Rei perdeu a cabeça numa dessas pontes de corda trabalhada. O senhor tenha a bondade de me passar o cortador de papel. O combate foi assim. Marcharam com ele 2 quilômetros, na neve, até a ponte de corda por cima de um precipício sobre um rio. O senhor já deve ter visto. Espetavam as costas do Rei, feito boi. “Malditos sejam seus olhos!”, disse ele. “Vocês acham que não vou morrer feito um nobre?” Ele se virou para o Peachey, o Peachey que chorava igual criança: “Eu trouxe você até aqui, Peachey”, disse. “Tirei você da sua vida tranquila para ser morto no Kafiristão, onde você chegou a ser o Comandante em Chefe das Forças do Imperador. Diga que me perdoa, Peachey.” “Perdoo”, falou o Peachey. “De todo o coração o perdoo, Dan.” “Aperte minha mão, Peachey”, disse ele, “agora me vou.” E se foi, sem olhar para os lados, e ficou pendurado no meio daquelas cordas balançando... “Cortem, vagabundos”, gritou; e eles cortaram, e o velho Dan caiu, rodando, rodando, rodando, 300 mil metros, porque levou



meia hora caindo até bater na água, e pude ver o seu corpo preso numa rocha com a coroa de ouro do lado.

“Mas o senhor sabe o que fizeram com o Peachey, no meio de dois pinheiros? Eles o crucificaram, meu senhor, como pode ver pelas mãos do Peachey. Usaram cravos de madeira nas mãos e nos pés dele, e ele não morreu. Ficou lá pendurado, gritando; desceram com ele no dia seguinte, e disseram que era um milagre não estar morto. Desceram com ele, pobre velho Peachey, que nunca lhes fez mal... que nunca fez...” balançou a cabeça e chorou amargamente, enxugando os olhos com as costas das mãos maceradas, gemendo como criança, durante uns dez minutos.

Foram cruéis a ponto de lhe darem comida no templo, porque disseram que ele era mais Deus que o velho Daniel, que era homem. Viraram ele para o lado da neve e lhe disseram que fosse para casa, e o Peachey levou bem um ano para chegar em casa, mendigando nas estradas, mas em segurança, porque o Daniel Dravot, ele andava na frente e dizia: “Vamos embora, Peachey. Temos muito o que fazer”. As montanhas dançavam de noite e queriam cair na cabeça do Peachey, mas o Dan levantou a mão e o Peachey passou por baixo. Ele sempre guardou a mão e a cabeça do Peachey. Eles lhe deram de presente no templo, para ele se lembrar e nunca mais voltar, apesar da coroa ser de ouro puro, e do Peachey estar morrendo de fome, nunca a vendeu. O senhor conheceu o Dravot! O senhor conheceu o Valoroso Irmão Dravot! Olhe para ele agora!

Apalpou desajeitadamente a massa de trapos em volta de seu corpete retorcido, retirou uma bolsa de couro negro de cavalo bordada de fios de prata e puxou de dentro dela para cima de minha mesa... a cabeça seca, esbranquiçada, de Daniel Dravot! O sol da manhã, que aos poucos empalidecia as lâmpadas, atingiu a barba ruiva e os fundos olhos cegos; atingiu também um pesado diadema encravado de turquesas brutas, que Carnehan colocou delicadamente sobre a fronte machucada.

— Contemple agora — disse Carnehan — o Imperador

como ele era, o Rei do Kafiristão com a coroa na cabeça. Pobre Daniel, que um dia foi monarca!

Estremeci, pois, apesar das diversas deformações, reconheci a cabeça do homem do Entroncamento de Marwar. Carnehan levantou-se para sair. Tentei detê-lo. Não estava em condições de andar.

— Deixe-me levar o uísque e me dê um dinheirinho — suspirou. — Já fui Rei. Vou pedir ao Intendente para me colocar num asilo até eu ter saúde de novo. Não, obrigado, não posso ficar esperando você arranjar uma charrete para mim. Tenho uns negócios particulares urgentes... no Sul... em Marwar.

Cambaleou para fora da redação e partiu no rumo da casa do intendente. Ao meio-dia tive oportunidade de descer até o Mall quente e encoberto, e vi um homem curvado se arrastando na poeira clara da estrada, chapéu na mão, tremendo dolorosamente. Não havia vivalma, e ele estava fora do alcance das casas. Cantava pelo nariz, voltando-se para um lado e outro:

*O Filho de Deus a guerra faz  
Pela coroa real;  
Um rubro estandarte traz!  
Quem é amigo leal?*

Esperei até não mais ouvi-lo, coloquei o pobre infeliz em minha carruagem e levei-o ao posto missionário mais próximo para uma eventual transferência ao Asilo. Ele repetiu duas vezes a cantiga enquanto estava comigo, sem ao menos me reconhecer, e deixei-o cantando no posto.

Dois dias mais tarde, indaguei sobre seu estado ao Superintendente do Asilo.

— Ao ser admitido sofria de insolação. Morreu ontem de manhã cedo — disse o Superintendente. — É verdade que ficou meia hora com a cabeça descoberta sob o sol do meio-dia?

— É sim — falei -, mas o Senhor chegou a saber se por

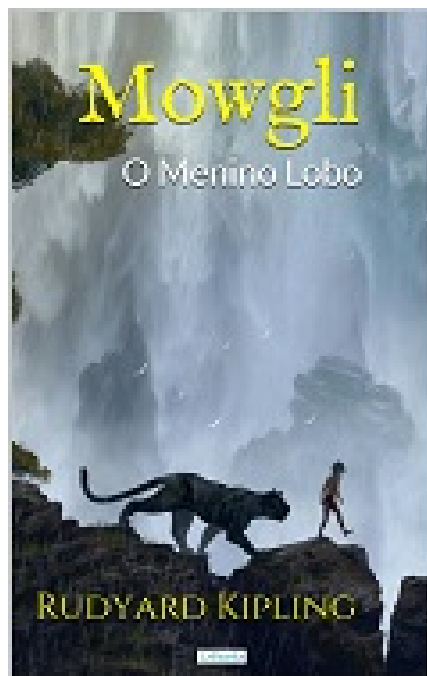
acaso ele trazia alguma coisa consigo ao morrer?

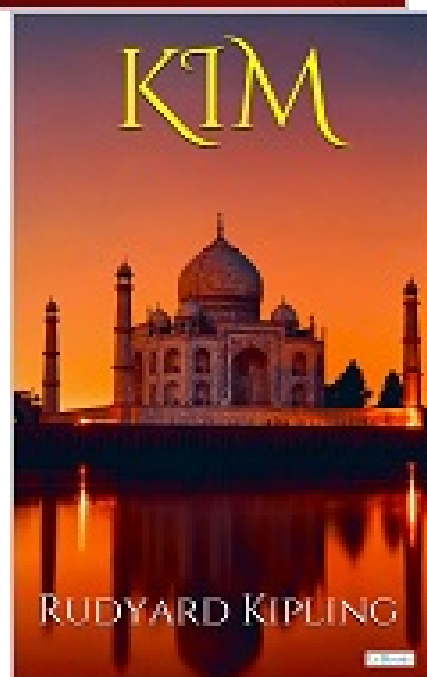
— Não que eu saiba — respondeu o Superintendente.

E assim se encerrou o assunto

Fim

Outras obras do Nobel Rudyard Kipling:







O HOMEM QUE QUERIA SER REI

Rudyard Kipling

Editora